

# 2.2

Cacique Doble:  
uma liderança indígena  
em destaque na província de  
São Pedro do Rio Grande,  
século XIX

---

Soraia Dornelles

## RESUMEN

Este artículo busca reflexionar sobre los líderes indígenas del siglo XIX a partir de la trayectoria del cacique Kaingang Doble. Su biografía nos permite comprender cómo las comunidades indígenas y sus líderes experimentaron la política indígena, los procesos de avance de la frontera económica y la colonización extranjera, pero también brinda la oportunidad de observar cómo las cuestiones internas de los pueblos indígenas también impulsaron las políticas y los conflictos locales.

## PALABRAS CLAVE

Kaingang  
Política indígena  
Pueblos indígenas en el Brasil imperial

## RESUMO

Este artigo procura tecer reflexões sobre as lideranças indígenas no século XIX a partir da trajetória do cacique Kaingang Doble. Sua biografia permite compreender como a política indigenista, os processos de avanço da fronteira econômica e a colonização estrangeira eram vivenciados por comunidades indígenas e suas lideranças, mas também oportuniza um olhar sobre como questões internas aos povos indígenas também movimentavam as políticas e conflitos locais.

## PALAVRAS-CHAVE

Kaingang  
Política indígena  
Indígenas no Brasil imperial

## ABSTRACT

*This article seeks to reflect on indigenous leaders in the 19th century based on the trajectory of Chief Kaingang Doble. His biography allows us to understand how indigenous politics, the processes of advancing the economic frontier and foreign colonization were experienced by indigenous communities and their leaders, but it also provides an opportunity to look at how issues internal to indigenous peoples also drove local policies and conflicts.*

## KEY WORDS

*Kaingang  
Indigenous politics  
Indigenous people in imperial Brazil*

Doble —  
dobro  
dual  
de dois lados  
dobrado  
dúplice  
simulado  
artificialoso  
nada sincero

Diccionario de la lengua española  
da Real Academia Española

## introdução

A questão sobre como se consolidaram as lideranças indígenas no contexto imperial ainda permanece um campo insuficientemente explorado, pois “tornar-se” liderança não se tratava de um movimento autônomo ou, quando muito, regulado por fatores exclusivamente internos a um grupo social. O avanço do projeto nacional que incorporava territórios e suas populações para fins de exploração econômica impôs desafios aos povos indígenas, que experimentaram modificações históricas em suas formas políticas.

Assim, quando os Coroados, como eram chamados os Kaingang na Província do Rio Grande de São Pedro, no século XIX, buscavam os aldeamentos, encontravam naquela instituição a proteção necessária

contra a violência que vigorava nas matas – um álibi perfeito para desvincularem-se das correrias que praticavam, criando “para si um espaço de jogo para maneiras de utilizar a ordem imposta do lugar. Nesse sentido, o desempenho da liderança Kaingang, o cacique Doble, perante o seu grupo, as autoridades e outros membros da sociedade sul-riograndense no século XIX é exemplar de como nessas relações estiveram em jogo estruturas de expectativa, em que a negociação e a improvisação, especialmente do lado indígena, tornaram-se práticas da ordem cotidiana. Sua vida e morte, como veremos a seguir, compartilham também os percalços sofridos pelos Kaingang naquele contexto.



## NOVOS CONTEXTOS HISTÓRICOS, NOVAS RELAÇÕES ENTRE AS LIDERANÇAS KAINGANG

Na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, no início do século XIX, os Campos de Palmas, Nonoai, Vacaria e de Cima da Serra e os Vales dos rios dos Sinos e Caí eram territórios onde vivia o povo Kaingang (Becker, 1995; Laroque, 2000; Dornelles, 2021). Naquele tempo, esse povo era chamado pelos não indígenas de Coroados ou Bugres, nomes que atualmente são considerados ofensivos pelos Kaingang. Nas áreas de campos já haviam se instalado algumas fazendas por luso-brasileiros, as quais serviam como entrepostos para as tropas de gados que

seguiam para o norte do Império. Já os vales dos rios dos Sinos e Caí passaram a ser alvo das políticas de colonização a partir do ano de 1824, atraíndo imigrantes de origem germânica. O governo central buscava promover o povoamento de territórios considerados “desabitados”, e destinou assentamentos em áreas de ocupação tradicional Kaingang para esse projeto.

Os Kaingang costumavam atacar as comitivas de tropeiros e, com a instalação das colônias com imigrantes europeus, os conflitos entre colonizadores e indígenas se ampliaram e ficaram mais complexos (Dornelles, 2021). Essas ações indígenas eram chamadas de assaltos ou “correrias” pelas autoridades e moradores dessas regiões. Nessas investidas, os indígenas costumavam roubar

a produção das roças de milho no tempo da colheita, procuravam arrecadar tecidos, objetos de metal, principalmente o ferro, e capturavam mulheres e crianças. Por outro lado, as retaliações realizadas pelos colonos, apoiadas pelo governo provincial, também envolviam práticas violentas, com a destruição das casas, roubo de objetos fabricados pelos indígenas e a captura de crianças. Nos dois casos, muitas pessoas morreram e ficaram feridas (Dornelles 2023).

No ano de 1845, o governo imperial publicou o Regulamento acerca das Missões de Catequese e Civilização dos indígenas. Para os povos considerados selvagens – fosse por terem pouco ou nenhum contato com a sociedade nacional, fosse por resistirem a tal aproximação

– seriam criados aldeamentos com o objetivo de fazer com que os indígenas “se integrassem” à população nacional, até o ponto em que não mais se pudesse diferenciá-los e, com isso, fosse possível tomar suas terras para o Estado. A civilização e a catequese seriam responsabilidades de administradores leigos e padres capuchinhos, visando também à incorporação dessa população como mão de obra (Melo, 2009; Cunha, 1992).

Na província de São Pedro, entre os anos de 1848 e 1850, foram criados três aldeamentos para concentrar os Kaingang: Guarita, Nonoai e Campo do Meio, que ficavam na porção norte do que hoje é o estado do Rio Grande do Sul e onde até hoje existem terras indígenas e aldeias do Povo Kaingang, como podemos ver no mapa abaixo.

Assim, os aldeamentos deveriam garantir a expansão da colonização, diminuindo os conflitos. As lideranças indígenas negociaram a sua participação na formação dos aldeamentos através do trato permanente com oficiais do governo, com o qual garantiam os suprimentos de metais, armas, vestuário, alimentos, que passaram a valorizar, mas também os territórios que esses aldeamentos deveriam ocupar. Algumas lideranças Kaingang optaram por não aderirem ao sistema de aldeamentos, e daí surgiram novas disputas entre os próprios indígenas e com o governo provincial (Dornelles, 2021; Francisco, 2013). Entretanto, a política oficial de aldeamentos não conseguiu acabar com o problema dos ataques dos indígenas às colônias, pois não foi capaz de considerar que não existia uma unidade entre os indígenas na província.

É nesse contexto de transformações e tensão que emerge a figura do Cacique Doble, cujo nome Kaingang era Yu-tohaê. Sua trajetória é vislumbrada através de documentos oficiais, relatos de viajantes e dos escritos permeados de empenho etnográfico e histórico de Pierre François Alphonse Mabilde.

Alphonse Mabilde emigrou da Bélgica depois de complicações políticas e exilou-se no Brasil, tendo chegado à província de São Pedro em meados de 1833. Produziu um amplo levantamento hidrográfico como funcionário do Império. A partir de 1834, passou a coletar autonomamente dados sobre os indígenas Kaingang. Seus textos podem ser apreciados em três publicações: duas no Anuário do Rio Grande do Sul, nos anos de 1897 e 1899, e uma organizada por suas bisnetas, os *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da Nação Coroados dos matos da Província do Rio Grande do Sul: 1836-1866*, além de uma coletânea de cartas (D'Angelis, 2006)<sup>2</sup>.

Em seus *Apontamentos*, Alphonse Mabilde, imigrante, engenheiro e agrimensor, informa que Doble rompeu com Braga, liderança indígena a qual era subordinado (Mabilde, 1983). Embora nenhum outro documento trate de tal ruptura, a história faz parte das memórias

indígenas, principalmente, dos membros atuais das famílias de ambas as lideranças<sup>3</sup>.

As primeiras informações sobre o cacique Braga surgem por volta de 1848, quando as tentativas de aldear os Kaingang incidiram sobre seus domínios. Conforme Mabilde, o alcance dessa liderança se estendia das matas compreendidas entre os campos do Passo Fundo e da Vacaria até o Mato Castelhana (Ver Mapa da Figura 1). Segundo os cálculos do agrimensor, em 1837, o grupo deveria conter 1.430 indivíduos, mas, com a ruptura, restaram-lhe ainda 750 subordinados (Mabilde, 1983). Entre os anos de 1949 e 1950, esse grupo esteve envolvido em guerras com os grupos subordinados aos caciques Nonoi, Cundá e Nicofê, devido a correrias praticadas por seu antigo subordinado Doble. Em 1850, ao ser contactado pelo engenheiro Mabilde, o cacique Braga decidiu aldear-se com os seus 304 seguidores nos campos do Meio (Mabilde, 1983; Becker, 1995; Laroque, 2000).

Braga foi o principal interlocutor de Mabilde em seus trabalhos como agrimensor, o que fez com que o engenheiro nutrisse admiração pelo indígena e até mesmo tomasse suas dores, especialmente aquelas que tinha o cacique em relação ao seu ex-subordinado, Doble. Yu-tohaê dispunha de prestígio diante de seu superior e outros chefes também subordinados a Braga. Por essa razão, instituiu-se, clandestinamente, em cacique principal. “Prometeu, aos demais chefes e os indígenas de sua tribo, usurpar e tomar para eles as matas de pinheiros onde se alojavam o cacique principal Braga e suas demais tribos subordinadas” (Mabilde, 1983, p. 159-160). Essa promessa foi suficiente para lhe fazer ganhar legitimidade, visto que a distribuição das matas de pinhais era ponto fundamental nas disputas entre os Kaingang (Dornelles, 2021).

Após a realização de uma correria nos Campos de Vacaria, o cacique Braga organizou uma festa para a qual chamou todos os seus subordinados, como era de costume. Segundo Mabilde, com o convite, Doble pode premeditar seu plano de usurpação do poder. Entretanto, “a desconfiança própria e natural dos coroados”, e a esperteza que, segundo Mabilde, era aguçada no cacique Braga, fez com que os planos de Doble não se

concretizassem. Conforme narrou o engenheiro, no dia da festa, a chegada de Doble e seus homens desarmados, o que fugia ao costume, levou Braga a suspeitar da traição, aumentada pela retirada das mulheres antes do final do evento. Uma confusão entre dois participantes da festa serviu como falso sinal para o início da briga, que resultou na ruptura do grupo (Mabilde, 1983).

Mabilde informa que o novo grupo dissidente, encabeçado por Doble, nessa ocasião, perdeu aproximadamente a metade dos seus homens e, a partir dali, o seu grupo e o de Braga tornaram-se inimigos. Os subordinados de Braga perseguiram os traidores sem descanso, fato que fez com que os perseguidos não voltassem a possuir um acampamento permanente (Mabilde, 1983). Quando o cacique Braga aceitou aldear-se, em 1850, contava com 19 das antigas 23 aldeias subordinadas que havia comandado em períodos anteriores. Naquele momento, os 304 indígenas sob a liderança de Braga aldearam-se nos fundos dos campos de Vacaria, em caráter provisório, na estância do Sr. Manoel de Vargas e, depois de dois meses, partiram definitivamente para o Campo do Meio. Segundo o relatório do presidente da província de 1850, os agentes do governo tinham a intenção de levá-los dali para a picada do Pontão, entretanto, nunca o fizeram devido ao conflito entre os grupos inimigos (Mabilde, 1983).

Segundo Mabilde (1983), Doble tinha as mesmas intenções de Braga, isto é, atacar os inimigos, entretanto, sabia que não possuía gente suficiente para realizar o plano. E ainda dizia sobre o ex-chefe: “(...) que tinha muito medo do cacique Braga porque, dizia ele, era muito mau e cruel e não perdoava a ninguém” (Mabilde, 1983, p.166). Entre o grupo de dissidentes de Doble, secretamente existiam membros fiéis a Braga, mas que tiveram que continuar com o novo grupo. Estes, por conta da permanência entre os subordinados de Doble, aldearam-se em Vacaria e no Pontão, e depois fugiram e reencontraram seu antigo superior, tendo sido importantes informantes de Braga a respeito do que se passava naqueles lugares. “Contavam a este o tratamento que recebiam nos aldeamentos, e a vida sossegada que aí levavam influiu no ânimo daquele cacique, conforme ele mesmo, mais tarde, em 1850, me disse” (Mabilde, 1983, p.164).

O último encontro do agrimensor Mabilde com o cacique Braga ocorreu em 1850, quando este parecia ter tido “sua animosidade e ódio” contra os brancos aumentados, justamente porque seu grande inimigo havia angariado “conceito entre nossa gente” e também porque

permanecia nas matas com suas tribos, enquanto ele estava aldeado. Sempre foi uma condição do cacique Braga “de nunca estarem nas imediações do lugar onde estivesse vivendo o seu traidor Yu-toahê, cacique Doble. Nunca quiseram voltar à antiga amizade, não obstante os empenhos que fazia, mais tarde, o cacique Doble para reconciliar-se com o cacique Braga” (Mabilde, 1983, p. 164).

A opção de romper com Braga significava, entre outras coisas, multiplicar o número de inimigos, quer dizer, além dos novos adversários, recém-adquiridos, o novo cacique mantinha-se inimigo dos antigos desafetos de Braga – ou seja, os grupos de Nonoi: os chefes Condá e Nicofê – e também os Xokleng, chamados no período de Botocudos, tidos como tradicionais inimigos dos Kaingang (Cunha, Laroque, 2000; Veiga, 2007). Assim, acossado por Braga, bem como pelos já antigos inimigos, o cacique Doble encontrou no aldeamento uma forma de preservar a si e seus companheiros, “o que fez contra a vontade, porém forçado pelas circunstâncias. Apresentaram-se, sempre em pequenos grupos, mansamente, aos moradores de Vacaria, Campo do Meio e Passo Fundo, indo para os lugares que lhes foram indicados pelo governo provincial” (Mabilde, 1983, p. 164).

Como pudemos observar na narrativa sobre a ruptura entre Braga e Doble, havia sido quebrado um protocolo durante a festa de comemoração de uma bem-sucedida correria, o que denunciou ao primeiro as intenções do subordinado em tomar-lhe o poder. Entretanto, não parece ser baseado somente nos costumes que Doble tenha empreendido este plano: o novo cacique demonstrava ter percebido que havia vantagens em correr os riscos das perseguições pelo antigo chefe e, em troca das antigas relações, forjar novas alianças com outros líderes importantes, os não indígenas. Esta atitude de Doble, portanto, não esteve isolada da conjuntura de ampliação dos contatos com colonos luso-brasileiros dos campos, muito menos das colônias de imigrantes germânicos. As novas necessidades dos Kaingang, como o ferro, exigiram a renovação das práticas voltadas para obtê-lo, isto é, as correrias e assaltos, bem como as negociações com o governo.

A prática de Doble parece ter sido, preferencialmente, manter a impressão de que o aldeamento de sua comunidade era permanentemente iminente. Com isto, podia sempre receber os benefícios oferecidos pelos não indígenas em troca da promessa de aldear-se, bem como manter certas práticas costumeiras. A ordem estabelecida era cumprida e burlada ao mesmo tempo: aceitar

1 Conforme o intelectual Kaingang Danilo Braga, aluno do curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o significado do nome Yu-toahê é “ele é guerreiro”; “ele é corajoso”; “ele é forte”. Também procurei esta expressão em vocabulários da língua Kaingang produzidos no século XIX, como os elaborados por Visconde de Taunay [1888] (1931) e Telêmaco Borba [1886] (1904), entretanto, não encontrei nenhuma referência à palavra toahê ou outras que significassem guerreiro, corajoso ou forte.

2 Utilizamos o livro como referência por não haver diferença entre as notas publicadas no Anuário e as reeditadas no livro de 1983. Dourante, nos referiremos ao livro apenas por Apontamentos.

3 Conforme Becker (1995, p.129), no ano de 1972, foram contados alguns descendentes do cacique Braga no Posto Indígena de Cacique Doble e, segundo esta informação, ainda era perceptível alguma forma de ressentimento entre aqueles, embora vissem harmoniosamente ali. O mestre e doutorando em História Danilo Braga, descendente destas famílias, também realça a permanência dessa narrativa nas expressões orais das comunidades Kaingang do presente (Braga, 2015).

a condição de aldeado era fundamental para praticar os assaltos às colônias, livrando-se das suspeitas e das consequências punitivas, como um possível extermínio. Dada a evidente desvantagem na correlação de forças entre os indígenas e os não indígenas, era preciso agir de acordo com as novas regras sociais e, a partir disso, construir outras formas de impor sua maneira de ser, mesmo que diluída no sistema imposto.

Se considerarmos a inexistência de dados sobre a atuação do cacique Braga depois de seu aldeamento e a compararmos com a superatuação de Doble posteriormente a 1850, perceberemos que a ruptura entre ambos (re)configurou o estatuto de poder de cada um. O anteriormente destacado cacique Braga, líder de grande número de indivíduos saía da cena política e, em seu lugar, Doble passava a ser centro das relações entre os Kaingang e o poder provincial. Este estado de coisas esteve latente no momento mesmo em que se deu a mudança, como pudemos observar no depoimento pleno de ressentimentos dado por Braga ao engenheiro Mabilde, ao perceber, ele próprio, o prestígio do inimigo entre os brancos.

### MANTER-SE "CONSTANTEMENTE NECESSÁRIO": ESTRATÉGIAS DE LIDERANÇA INDÍGENA NO SÉCULO XIX

A capacidade de negociação de Doble foi vista, muitas vezes, como colaboracionista (Prezia, 1998; Laroque, 2000). Seu jogo de cintura permitia que ele pudesse relacionar-se com os membros do governo provincial, os fazendeiros pecuaristas e ervateiros, a comunidade alemã e com os grupos indígenas aldeados e os que permaneciam nas matas. É preciso ter em vista que as ações de Doble se moveram conforme as circunstâncias e oportunidades que foram se revelando vantajosas naquele contexto, mas também a partir de lógicas próprias, provenientes dos referenciais Kaingang no século XIX.

Como vimos, desde a ruptura entre os caciques Braga e Doble, por volta de 1837, o último se manteve em permanente movimento nos territórios de ocupação tradicional daqueles indígenas. Entretanto, a precisão de seu paradeiro só se materializou com o início do processo de aldeamento na segunda metade da década de 1840. Os aldeamentos assinalaram o envolvimento dos indígenas na abertura de estradas e a retaliação de suas

terras para posterior colonização destas pelas empresas de imigração. Os aldeamentos também deveriam garantir a incorporação desse contingente indígena na produção provincial através do projeto de catequização religiosa.

Muitos fazendeiros da região também empreendiam expedições às matas na busca de "toldos de índios" para que, posteriormente, fossem aldeados. A região do planalto meridional era caracterizada pela presença de campos, bosques e matas de pinheiros que, além de serem os locais prediletos de habitação para os Kaingang, tratava-se de "um excelente local para invernações de gado e o estabelecimento de fazendas pelos colonizadores" (Francisco, 2006, p. 95-96). Assim, interesses particulares também influenciaram na reconfiguração dos espaços indígenas naquele momento, pois visavam a ocupação de territórios por eles dominados.

Entre esses fazendeiros esteve Manoel de Quadros, morador do Campo do Meio, que em abril de 1848 contactou, de uma só vez, os caciques "Nicafe, Chico, Maneco, e Doble, todos com suas hordas", e fez com que acampassem em sua propriedade. O próprio Joaquim Fagundes dos Reis, subdelegado de polícia do distrito de Passo Fundo, em certa ocasião fora ver os indígenas que, segundo ele, respeitavam a Manoel de Quadros como um dos seus. Naquele momento, Doble e os demais receberam roupas e ferramentas com o objetivo de que se encaminhassem para o aldeamento de Pontão<sup>4</sup>. Doble teria dito, entretanto, que preferia dirigir-se para o Campo do Meio, onde se apresentou com "uns 90 índios" sob seu comando (Pérez apud Laroque, 2000, p. 136). Em outra correspondência, encontramos que:

Um Bugre que a eles serve de intérprete assegurou-me que não tardaria a chegar ali um Cacique de nome Braga com doze Casais que vem aldearem-se com as que ali estão (...) e aqueles Caciques Nicafe, Chico, Maneco, queriam ir a Porto Alegre ver a Cidade em companhia de Quadros. Este homem é pobre e tem feito despesas superiores a suas forças, a fim de atrair os Bugres; seus serviços prestados com risco de vida a prol da Catequese V. S. melhor saberá avaliar<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Correspondência de 10/05/1848 - Correspondência de José Joaquim de Andrade Neves ao Presidente da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul. AHRs. Diretoria Geral dos Índios, Maço 3.

<sup>5</sup> Correspondência de 19/05/1848 - Correspondência ao Presidente da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul. AHRs. Diretoria Geral dos Índios, Maço 2.



Uma imagem Fundo do SPI, Indígenas que existem na serra da Forquilha, município de Lagôa Vermelha, Tribo Coroados". Curitiba: CRV, 2021.

Como resposta a esse pedido, o Diretor Geral dos Índios, José Joaquim de Andrade Neves, concedeu uma gratificação a Manoel de Quadros, desde que continuasse em seu intento com a civilização dos Coroados<sup>6</sup>. No ano de 1849, muitos indígenas ainda se dirigiam para as terras do agora identificado como "pardo", Manoel de Quadros, "a quem muito estimam, e o denominam seu Capitão". O Diretor recomendava que se gratificasse a esse homem, visto que era muito desfavorecido e, assim, por pouca coisa seria capaz de colocar à disposição do governo<sup>7</sup>.

Entre 1848 e 1850, o governo trabalhou na implantação de três aldeamentos entre os Kaingang: aldeamento da Guarita, fundado com os índios do cacique Fongue; aldeamento Nonoai, o qual deveria concentrar índios do cacique Nonoai. E por último, o aldeamento do Pontão,

no Campo do Meio, fundado nas terras do cacique Braga (Becker, 1995). Os aldeamentos deveriam garantir a expansão da frente colonizadora, evitando que as novas levadas enfrentassem os percalços observados nas experiências anteriores. Enquanto o governo provincial se preocupava em efetivar os aldeamentos, os indígenas pareciam ocupar-se de suas próprias questões. O cacique Doble apresentou-se em diversas aldeias, e em cada uma delas procurou estabelecer alianças e impor seus interesses.

Conforme as correspondências oficiais, há notícias de Doble nos anos de 1848, na fazenda acima referida, do Sr. Manoel José de Quadros, bem como em 1849, no Campo do Meio. Em 1849, Doble também esteve em Nonoai e em Guarita<sup>8</sup>. Nessas negociações, os conflitos internos foram peça fundamental para a aceitação ou não, por parte das lideranças indígenas, das propostas

<sup>6</sup> Correspondência de 08/07/1848 - Correspondência de José Joaquim de Andrade Neves ao Presidente da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul. AHRs. Diretoria Geral dos Índios, Maço 3.

<sup>7</sup> Correspondência de 1º de janeiro de 1848 do Diretor Geral dos Índios, AHRs, Diretoria Geral dos Índios, Maço 3.

<sup>8</sup> Correspondência 10/05/1848 - Correspondência de José Joaquim de Andrade Neves ao Presidente da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul. AHRs. Diretoria Geral dos Índios, Maço 3. Correspondência 19/07/1851 - Correspondência ao Presidente da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Diretoria Geral dos Índios. AHRs, Maço 2.

de se aldearem em determinado lugar, principalmente, quando tentavam, como era previsto pela lei, a formação de aldeamentos únicos. Assim, o governo e seus agentes precisaram negociar de forma circunstancial, de modo que o processo de aldeamento foi distinto para cada grupo Kaingang. Aline Francisco (2006) destaca que, por volta de 1850, podemos observar um certo tipo de especialização dos aldeamentos: o grupo do cacique Fongue, da aldeia de Guarita, estava envolvido na produção de erva mate; por outro lado, os grupos aldeados em Nonoai tinham como atividade principal a abertura de estradas.

Quanto ao grupo de Doble, a partir do ano de 1850 podemos ter mais clareza quanto às suas práticas. O aldeamento de seu principal inimigo e perseguidor, Braga, teve grande relação com tal aumento de prestígio que Doble passou a possuir entre os governantes e os colonos. Sua participação na resolução, por assim dizer, de alguns casos de ataques de índios a particulares, é expressiva disto. Vejamos alguns desses episódios.

O assalto à família do tropeiro João Mariano Pimentel, nos Campos de Vacaria, em agosto de 1851, demonstra como o cacique Doble, neste período, já era acionado pelos não indígenas como liderança de referência entre os Kaingang. Enquanto Pimentel encontrava-se em uma viagem a Uruguaiiana, com fins de contratar tropas para leva-las às feiras de Sorocaba, os indígenas invadiram a propriedade e, como de costume, mataram os homens, levaram as ferramentas e raptaram as mulheres (Dornelles, 2021). Os responsáveis por esse assalto tinham sido os indígenas chefiados pelo cacique Nicuó ou João Grande, como era também conhecido, e por um escravo fugido que havia se juntado ao grupo (Mabilde, 1983). Como não havia ainda uma força policial no recém-criado município de Vacaria, foram chamados os homens da região para perseguir os indígenas e resgatar as prisioneiras. Para o comando da expedição, chamou-se o cacique Doble, acompanhado de subordinados seus, e do Coronel José Luiz Teixeira da Guarda Nacional. Segundo uma correspondência de Mabilde ao governo provincial de 1853, Doble havia aceitado a tarefa porque era inimigo do cacique Nicuó, por outro lado, fora chamado por ser capaz de ler nas matas os vestígios dos perseguidos. “Após alguns dias de angustiada expectativa, chegaram, enfim, às proximidades do paradeiro dos selvagens (...). Batidos ali após o encontro, os bugres fugiram deixando

os prisioneiros”<sup>9</sup>. Corridos da encosta do rio das Antas, os mesmos indígenas praticaram um novo assalto, agora na colônia alemã, o qual resultou, novamente, na participação de Doble na captura do grupo subordinado ao cacique Nicuó, em 1853.

A essa altura, o problema dos assaltos dos indígenas às colônias alemãs tratava-se de uma questão de segurança pública, a qual o governo provincial deveria resolver. Entretanto, as medidas que vinham tomando as autoridades haviam dado grande prova de sua ineficácia, conforme identificava o relatório do vice-presidente da província em outubro de 1852: “Os Índios recebem as roupas, e ferramentas e voltam às matas; batidos, e perseguidos depois da agressão, reaparecem mais hostis em outros lugares, não sendo possível colocar guardas em todos aqueles [lugares], por onde eles fazem os seus assaltos”<sup>10</sup>.

Neste mesmo relatório houve a defesa dos aldeamentos como a solução mais eficaz para o problema indígena, “para evitar a luta desumana do cidadão contra o selvagem”, tendo em vista integrá-lo a sociedade<sup>11</sup>. Embora sejam escassos os dados sobre as práticas reais a respeito do que fizeram os colonos para resolver o “problema indígena”, os documentos oficiais e alguns poucos dados particulares indicam que houve, com certeza, a prática da perseguição daquelas populações (Mabilde, 1983). Mas todas as vezes que o governo provincial ou particulares se aplicavam ao intento de criar novos aldeamentos para reunir e civilizar os Kaingang, os moradores das colônias vizinhas viam crescer as chances de novos ataques, pois, a essa altura, já se percebia que, muitas vezes, eram os indígenas aldeados e não os ditos bravios das matas que praticavam tais atos.

Com o resgate da família alemã do Mundo Novo pelo cacique Doble, o governo provincial pagou a ele uma gratificação pelo serviço prestado além de pretender “aldear aquele fiel chefe e sua horda nas matas do Pontão”, conforme o relatório do presidente daquele mesmo

9 Correspondência 1º/03/1850 - Correspondência do Tem. Cel. Engº Pierre François Alphonse Booth Mabilde ao Presidente da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Biblioteca da PUCRS. Coleção Júlio Petersen.

10 Relatório 1º/10/1852 - Relatório do Vice-presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Luiz Alves Leite de Oliveira Bello na abertura da Assembléia Legislativa Provincial. Porto Alegre: Typographia do Mercantil, 1852, p.15.

11 Ibidem, p.16-17.

ano<sup>12</sup>. Entretanto, por uma “feliz coincidência”, Doble e o Capitão Fongue, seu primo, encontravam-se em Porto Alegre e acertaram pessoalmente com a presidência sua mudança para os campos de Nonoai. Essa disposição de duas importantes lideranças em se aldear em Nonoai corroborava a intenção de reunir os Kaingang em um mesmo local, como já se havia tentado três anos antes.

Conforme o relatório do ano seguinte: “Chegando a Nonoai o referido diretor mandou próprios a Vacaria chamar o Cacique Doble, para que em cumprimento da promessa que me havia feito fosse reunir-se com sua tribo ao aldeamento geral”<sup>13</sup>. Contudo, Doble não teria aceitado esta proposta e somente depois de um encontro com o Cacique Fongue, seu primo, da aldeia da Guarita, teria sido por ele convencido a esta mudança, “mas era acompanhado com má vontade e repugnância, sendo presumível que saudassem de novo àqueles lugares, pelos quais manifestam particular afeição”<sup>14</sup>. Entretanto, em 1854, durante a prometida mudança do Pontão para Nonoai, o grupo de Doble sofreu um ataque do grupo inimigo chefiado por Pedro Nicofé, “de cujo encontro resultou ficarem alguns feridos, e perderem tudo quanto haviam recebido desta Presidência como presente”<sup>15</sup>, fato que fez com que Doble mudasse de ideia. No mesmo relatório foram apresentadas as motivações de tal incidente:

Desconfiado por esse ato de traição, e supondo que nascia de Pedro Nicofé como vingança pela morte de João Grande, a quem mesmo Doble resgatando a família alemã do Mundo Novo tinha derrotado, desandou caminho e voltou novamente para os matos do Pontão, que lhe são caros. Em vão tentaram os mensageiros do Diretor Oliveira persuadi-lo de tornar ao Nonohay, prometeu

12 Relatório 06/10/1853 - Relatório do Presidente da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu na abertura da Assembléia Legislativa Provincial. Porto Alegre: Typographia do Mercantil, 1853, p.26.

13 Relatório 02/10/1854 - Relatório do Presidente da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu na abertura da Assembléia Legislativa Provincial. Porto Alegre: Typographia do Mercantil, 1854, p.30.

14 Correspondência 12/12/1853. AHRs. Lata 300, Maço 2; Relatório 06/10/1853 - Relatório do Presidente da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu na abertura da Assembléia Legislativa Provincial. Porto Alegre: Typographia do Mercantil, 1853, p.26.

15 Relatório 02/10/1854 - Relatório do Presidente da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu na abertura da Assembléia Legislativa Provincial. Porto Alegre: Typographia do Mercantil, 1854, p.30.

fazê-lo mais tarde, mas segundo as últimas notícias que tenho de Felipe José de Souza, da Vacaria, ainda por ali se conserva errante com a sua tribo, mas inofensivo<sup>16</sup>.

Depois deste evento, o cacique Doble continuou sendo cortejado pelo governo provincial para se dirigir ao aldeamento de Nonoai, conforme os relatórios dos presidentes da província de 1854 e 1855, não tendo nunca acatado este pedido. Assim como Doble, outros indígenas também dificultam a concretização do aldeamento único em Nonoai e, em 1856, o governo provincial percebeu ser praticamente impossível tal intento, constatando as rivalidades internas como um fator explicativo para isso.

Segundo um ofício do Ministério do Império ao presidente da Província de Santa Catarina, em março de 1855, Doble encontrava-se em Lages e que “já um pouco domesticado, mostra intenções pacíficas” (Cunha, 1992, p.235-236). Ele estava acompanhado de aproximadamente 100 indígenas, que, num primeiro momento, foram tidos como um estorvo à vila, mas devido à disponibilidade de Doble em auxiliá-los na perseguição aos Xokleng, passaram a ser percebidos como de boa utilidade (Souza et al., 2021). Na província de Santa Catarina, Doble se empenhou de modo similar ao que realizou em São Pedro: conseguiu das autoridades a confiança necessária para deles receber suplementos e ferramentas, de modo a iniciar o trabalho na roça em troca de sua suposta intenção de se aldear.

Apenas dois meses depois de ser localizado em Lages, Doble retornou aos campos de Vacaria. Conforme Mabilde, em maio de 1855, um grupo atacou o rancho de um falquejador, que revidou aquela afronta perseguindo os indígenas juntamente a outros quatro camaradas. “Saíram do rancho, no momento em que os selvagens pretendiam atear fogo nele e, atirando de espingarda, mataram um e feriram vários dos que rodeavam o rancho, obrigando-os a fugir para a mata que distava dali umas cento e cinquenta braças” (Mabilde, 1983, p. 168). Como o agrimensor trabalhava nas proximidades, à altura do arroio Forromeco, foi chamado para ajudar os moradores que ficaram em alarde. Eles montaram uma expedição e passaram a seguir pistas dos indígenas nas matas. Para a grande surpresa de Mabilde

16 ibidem, p. 31.

(...) avistamos, sentados de cócoras, ao redor de um pequeno fogo, vinte selvagens, inclusive o cacique Doble que os capitaneava. Estavam todos nus como no seu primitivo estado selvático. Apenas sete daqueles indígenas – como aquele que tinha sido morto ao pé do rancho – tinham o cabelo tonsurado em forma de coroa, como usam no estado selvagem. Os outros treze, como o cacique Doble, tinham o cabelo comprido, como usam depois de aldeados (Mabilde, 1983, p.167-169).

O excerto é riquíssimo, pois permite perceber a violência que permeava as relações entre indígenas e não indígenas, embora a intenção do interlocutor não fosse essa. Além de identificar o assassinato de indígenas, a fonte também deixa ver as mudanças nas formas de construção dos corpos destes diante das experiências tutelares, como era o caso dos aldeamentos do Oitocentos: os cortes de cabelos serviram para identificar a passagem pelos aldeamentos<sup>17</sup>. O mesmo se pode pressupor quanto à nudez ao retornarem às matas, embora possamos conjecturar a dificuldade que o uso de roupas traria à mobilidade e agilidade exigida nas correrias ou possíveis fugas pudesse explicar essa opção. Um exemplo disso observamos na prática de despír os prisioneiros feitos logo que eram capturados<sup>18</sup>.

Quando reconheceu o Capitão Doble, como era conhecido àquela altura, Mabilde externou sua frustração diante da impossibilidade de capturá-lo e denunciar sua postura às autoridades:

Meu empenho era de aprisionar, ao menos, o cacique Doble e conduzi-lo preso e no estado em que andava na mata, até Porto Alegre, levando-o até a presença do Presidente da Província onde, um mês antes, este cacique tinha estado, fardado com galões de capitão. Este seria o único meio de desenganar as autoridades a que, por várias vezes, dei conhecimento das correrias que o perverso cacique Doble praticava, depois de aldeado,

circunstância esta que lhes parecia impossível, pela confiança que aquele cacique lhes inspirava.

Esta era a quarta vez que encontrávamos desta maneira, todos nus, indígenas que, pelo cabelo comprido, se reconhecia serem aldeados, misturados e acompanhados de indígenas ainda selvagens, com cabelo tonsurado em forma de coroa. Em três destas correrias, encontramos o cacique Doble chefiando a correria (Mabilde, 1983, p.170-171, grifos nossos).

As autoridades provinciais não compartilhavam da visão de Mabilde sobre o cacique Doble. Nos relatórios provinciais foram tecidos comentários positivos sobre ele e demonstrando satisfação por sua atuação como intermediário entre o governo e os Kaingang. Conforme o relatório do presidente da Província de 1856, o cacique Doble e seus seguidores viviam “inofensivos e pacificamente” em Pontão. Inclusive, insistia que não mais se tentasse levá-los para Nonoai, mas, sim, que se criasse um aldeamento ali mesmo, o que foi concretizado por ordem do presidente em dezembro daquele mesmo ano<sup>19</sup>. Para o novo aldeamento foi designado um diretor que tinha arranchado os indígenas em sua propriedade e pedia ao governo provincial “algumas ferramentas e roupas para eles, e o diretor geral insta pela presença de missionários naquele lugar”, mas, mesmo assim, não foi possível reuni-los na aldeia<sup>20</sup>. É interessante ressaltar que neste documento o autor refere-se a Doble como Capitão e não mais somente como cacique.

Em 1858, houve uma tentativa de formação de um aldeamento exclusivo para os indígenas que acompanhavam Doble, chamado de Santa Isabel. Em uma correspondência do diretor do aldeamento de Pontão, encontramos os trâmites das negociações com a liderança, para quem fora prometida “a patente de Capitão com vencimento de que for aldeado”<sup>21</sup>. Em agosto daquele ano, seguiram para o local indicado para o aldeamento – as terras da entrada da Picada do Mato Português –,

o diretor nomeado e mais 182 indígenas chefiados por Doble, “ficando uma porção da tribo do Cacique Chico, no lugar denominado Campo do Meio, para concluir a colheita de suas roças”. Ainda conforme este relatório, o aldeamento contava com 29 ranchos “e um grande galpão coberto de palha”, onde os indígenas se dedicavam ao trabalho na lavoura de forma eficiente. O governo providenciava para aquele mesmo ano o envio de um religioso para catequese<sup>22</sup>.

Ainda no final de 1858, houve rumores de que fazendeiros da região tentavam “seduzir os índios” do aldeamento, para que dali saíssem. O diretor de Santa Isabel afirmava

(...) ter interrogado o Cacique Doble e este negado [que tivesse] recebido munições de alguém para abandonar a aldeia. Um atestado do Pe. Thiago Villarubia do Campo [afirmava] que o descontentamento dos índios provinha da má escolha do terreno para o aldeamento, [a] preferirem o das imediações da estrada velha do Mato Português<sup>23</sup>.

Entretantes a tantas benesses, nem assim foi possível acomodar Doble e sua gente naquele aldeamento. Nos anos seguintes, muitos problemas foram evidenciados nas correspondências do aldeamento, como a falta de mantimentos a que os indígenas associavam à má escolha das terras. Esta situação não pôde ser resolvida e o aldeamento foi extinto em 1861.

Já em 1862, Doble apresentou-se ao diretor da Colônia Militar de Caseros<sup>24</sup>. Esta colônia havia sido fundada na freguesia de Lagoa Vermelha, em 1859, por um decreto imperial, com a intenção de alocar ali os soldados alemães que haviam lutado na guerra contra Rosas (Giron, 2004)<sup>25</sup>. O diretor, o padre Antonio de Moraes Branco,

informava que “Os índios se mostravam mui satisfeitos por verem-me seu diretor, ainda mais o Cacique Doble, que sendo há amar muito meu campo e suas [?] sempre depositou em mim muita confiança”<sup>26</sup>. Disse, ainda, que Doble havia se comprometido em trazer para ali os índios do “Capitão Chico, que vive com alguns índios no Campo do Meio” e que, por isso ausentara-se do aldeamento por alguns dias<sup>27</sup>. Os indígenas que ali viviam “estavam satisfeitos e começam a aplicar-se ao serviço da lavoura”<sup>28</sup>, conforme era de desejo das autoridades.

O período em que Doble esteve aldeado em Caseros permite que obtenhamos alguns detalhes sobre sua vida particular. Em outubro de 1862, uma lista anexa à correspondência do diretor do aldeamento mostra Doble apresentando 64 anos de idade, possuindo quatro esposas cujos nomes eram Francisca (58), Maria (28), Cantalícia (22) e Luisa (19), denotando, desta maneira, a manutenção do costume do chefe principal ser o único do grupo a ter mais de uma esposa, visto que é o único assim identificado. Aparecem, ainda, nove filhos seus, um deles já casado e com filhos próprios, e os outros com idades entre oito meses e 19 anos. Estes dados são de grande importância, pois nos permitem apreciar uma pequena parte da vida particular desta importante liderança: para além de sua atuação política devemos tentar compreender que o Capitão Doble era um indivíduo que possuía família, afetividades, desejos e paixões que o motivaram em um outro âmbito de sua experiência. Era “um índio alto, simpático e elegante, já montava bem a cavalo e fazia montado, parte das suas excursões” (Jacques, [1912] 1979, p.101). Era, portanto, alguém que podia

17 Como informou Reinald Hensel ([1867] 1928), que os contatou da aldeia de Caseros. “Antigamente os coroados tinham uma grande tonsura, agora fazem nas crianças pequenas, que já nascem com cabelo na cabeça, só uma vez tal tonsura e então deixam crescer de novo e para sempre o cabelo”. Este é mais um exemplo das modificações que observamos entre a vida nas aldeias e as praticadas anteriormente pelos indígenas. Infelizmente, não sabemos como e nem porque essa prática foi alterada por aquela sociedade, mas tratou-se da formação de uma nova forma de viver e utilizar o seu corpo em um novo contexto.

18 Para detalhes sobre o tratamento dado aos prisioneiros das correrias ver Dornelles, S. Os Kaingang e a colonização...

19 Relatório 15/12/ 1856 – Relatório do Presidente da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, Jerônimo Francisco Coelho na abertura da Assembléia Legislativa Provincial. Porto Alegre: Typographia do Mercantil, 1856, p.140.

20 Relatório 11/10/ 1857 – Relatório do Vice-presidente da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, o Comendador Patrício Correa da Câmara na abertura da Assembléia Legislativa Provincial. Porto Alegre: Typographia do Mercantil, 1857, p.26.

21 Correspondência 10/06/1858. – Correspondência de Alberto Marques de Almeida ao Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. AHRs. Diretoria do Aldeamento de Pontão, Maço 2.

22 Relatório de 1858 – Documentos anexos ao Relatório do Presidente da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, Ângelo Moniz da Silva Ferraz, apresentado à Assembléia Legislativa Provincial na 1ª sessão da 8ª legislatura. Porto Alegre: Typographia do Correio do Sul, 1858, p. 29.

23 Relatório de 1858 – Documentos anexos ao Relatório do Presidente da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, Ângelo Moniz da Silva Ferraz, apresentado à Assembléia Legislativa Provincial na 1ª sessão da 8ª legislatura. Porto Alegre: Typographia do Correio do Sul, 1858, p. 29.

24 Relatório de 1862 – Relatório apresentado pelo Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul – Desembargador Francisco de Assis Pereira Rocha, na 1ª sessão da 10ª legislatura da Assembléia Provincial. Porto Alegre: Typographia do Jornal da Ordem, 1862, p. 38-40.

25 Entre 1851 e 1853, o Brasil interveio na chamada “Guerra Grande” onde grupos de estancieiros capitaneados pelo caudilho de nome

Lavalleja, e por, posteriormente, Manuel Oribe que visava integrar o Uruguai às demais províncias litorâneas da Banda Oriental, principalmente Buenos Aires. Somente com esta intervenção militar brasileira conseguiu-se a derrota dos partidários dessa integração com a Argentina, além disso, auxiliou-se o caudilho argentino Urquiza em sua luta contra Juan Manuel de Rosas (Prado, 2010: 93).

26 Correspondência 20/08/1862 – Correspondência do Pe. Antônio de Moraes Branco ao Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. AHRs. Diretoria do Aldeamento na Colônia Militar de Caseros, Maço 2.

27 Correspondência 20/08/1862 – Correspondência do Pe. Antônio de Moraes Branco ao Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. AHRs. Diretoria do Aldeamento na Colônia Militar de Caseros, Maço 2.

28 Correspondência 20/08/1862 – Correspondência do Pe. Antônio de Moraes Branco ao Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. AHRs. Diretoria do Aldeamento na Colônia Militar de Caseros, Maço 2.



ser encontrado nu pelas matas e, ao mesmo tempo, “fardado com galões de capitão” em Porto Alegre (Mabilde, 1983, p. 171).

É bastante significativo o fato de que, neste mesmo documento, entre os 114 indivíduos listados no aldeamento, encontramos Maria (51), “viúva do Braga”, e seus dois filhos, bem como o Braguinha e sua família. Ora, sem dúvidas a referência ao nome Braga nos faz remeter aos desafetos entre as lideranças Kaingang, e como os ódios e a perseguição pareciam ser as únicas formas de relação possível entre eles a partir dos relatos produzidos por seus contemporâneos. De outra feita, podemos inferir que, quase trinta anos após o ocorrido, havia algum espaço para a negociação e conciliação entre aquelas famílias. A fonte não é capaz de nos dizer se havia alguma forma de hostilidade entre estes indivíduos, mas o fato de estarem sobre a mesma terra nos indica alguma forma de convivência consentida pelas partes.

Em 1863, o zoólogo Reinhold Friedrich Hensel esteve na província do Rio Grande como representante da Academia de Ciência de Berlim, tendo permanecido na região até 1866. Em maio de 1865, passou uma semana entre os indígenas da Colônia Militar de Caseros e, a partir desta experiência, escreveu um artigo que foi publicado, posteriormente, pela revista do Museu e Arquivo Público do Rio Grande do Sul em 1928 (Becker, 1995)<sup>29</sup>. O viajante relatou que os indígenas haviam se afastado um pouco da colônia devido a uma epidemia de varíola, que lhes custou muitas vidas, não sem antes “queimarem as tendas dos mortos” (Hensel, [1928] 1957, p. 68-69).

Hensel (1957, p.68-69) também constatou que a permanência de indígenas “selvagens” nas encostas dos rios Taquari e Cai não explicavam a totalidade dos assaltos às colônias, pois, “não é inverossímil atribuir-se alguns desses saques aos índios civilizados, notavelmente os de Caseros que de vez em quando desaparecem de suas colônias sem que na ocasião do seu regresso se saiba com certeza onde entrementes haviam permanecido”. O autor também aventa que os espólios poderiam ser fruto de ação de escravos fugidos das fazendas.

Mesmo depois do aldeamento na Colônia Militar de Caseros, temos notícias sobre outros atos praticados por Doble enquanto dizia estar caçando nas matas. Mabilde recebeu, em 19 de junho de 1862, uma carta de Manoel

Luiz da Silva Pedroso, um companheiro nas excursões pelo interior da província, que havia há poucos dias encontrado com o cacique Doble nas matas. Assim como Mabilde, Pedroso estava “bem ao par de sua má índole” (Mabilde, 1983, p. 173), consciente de que, mesmo aldeado, Doble praticava correrias pelo sertão, visto que ambos já o tinham flagrado em seu comportamento duplo.

Os observadores contemporâneos, como Pedroso e Mabilde, presumiam que as saídas para caçadas dos indígenas tratavam-se de desculpas que encobriam o real motivo daquelas ausências nos aldeamentos: as correrias. A estratégia indígena da dissimulação era tão eficaz que as autoridades não davam crédito aos informantes que lhes tentavam alertar sobre essa prática. Como o fez o Sr. Pedroso que, em 1862, em uma viagem a Porto Alegre, procurou o Presidente da Província por motivos pessoais e aproveitou a oportunidade para alertá-lo sobre o cacique:

Mas sua Ex.<sup>a</sup> tomou o negócio como caçado, e não quis acreditar que aquele malvado era o chefe de todos aqueles desacatos e autor de todas aquelas desgraças que por aqui, como pelos matos de lá, causam aqueles bugres. Citei mesmo as vezes que andei com V. S. no mato, e que presenciei duas vezes encontrarmos com os bugres em correria, capitaneados pelo Doble, e assim mesmo custou ao presidente acreditar-me; porque sempre me dizia que lhe parecia impossível o Doble enganar assim as pessoas que tão bem o tratavam; e eu então lembrei-me que se sua Ex.<sup>a</sup> andasse no mato, como V. S. e nós temos andado, que há mais tempo que se teria desenganado com aquele malvado e fingido (Mabilde, 1983, p.174-175, grifos nossos).

Visto as colocações de Mabilde sobre o tema das correrias, podemos compreender melhor sua opinião sobre a ineficiência do projeto de aldeamentos. Para ele, um dos erros foi fundá-los distante da população branca, onde o controle sobre o seu retorno às matas seria mais dificultoso. Outro problema observado estava na tentativa de lhes impor a agricultura, totalmente distante do modo de vida dos indígenas, “acostumados a uma vida ociosa, um trabalho penoso que, de momento, excede às suas forças (Mabilde, 1983, p. 179). O engenheiro acreditava que a empresa do aldeamento dos Coroados havia sido prematura e que:

Se não fosse a traição do cacique Doble, motivando uma guerra de vingança e extermínio, poderíamos estar certos de que, até hoje, ele e aqueles indígenas não se teriam apresentado e nem se teriam aldeado tão mansamente, porque os coroados, pela sua volubilidade ou natural inconstância, costumam a sujeitar-se à civilização (Mabilde, 1983, p. 179).

O que o autor identificava era uma grande permanência dos modos de viver dos Kaingang, mesmo depois de aldeados, o que provava que a grande distância entre essa forma de compreender o mundo e a maneira civilizada dos brancos tinha feito do aldeamento um projeto fadado ao fracasso. Também Reinold Hensel falava que a empresa realizada nos aldeamentos tinha sido pouco eficaz, pelo que constatava em 1865, em Monte Caseros. Dizia ele que mesmo com o batismo, os Kaingang mantinham suas crenças anteriores sem aceitar os ensinamentos cristãos (Hensel, 1957, p. 73).

Em 1864, Hensel estava em Porto Alegre, quando encontrou pessoalmente os indígenas da Colônia Militar de Monte Caseros. O cacique Doble angariava, naquele momento, a patente militar de brigadeiro, pelos serviços que tinha prestado ao governo da província. Estava acompanhado por subordinados seus, bem como por cerca “trinta coroados selvagens” por ele capturados que garantiriam o pagamento de uma “recompensa especial” por parte do governo. Nossa testemunha ocular ainda diz:

Este cacique era um homem muito inteligente e especialmente esperto, ao qual seria muito fácil tirar do mato todos os coroados selvagens, e só o índio domado está aqui apto a apoderar-se do selvagem; porém, ele pelo mínimo serviço exigia alto pagamento e relativamente não se apurava muito na captura dos seus colegas de tribo ainda selvagens, a fim de não haver baixa no preço do artigo; assim ele se mantinha constantemente indispensável (Hensel, 1957, p. 161, grifos nossos).

Em 29 de março de 1864, o diretor do Aldeamento de Caseros, o Pe. Antonio de Moraes Branco, informava ao presidente da província o falecimento do cacique Doble, “vítima de uma epidemia de bexiga”<sup>30</sup>. Naquele ano de

1864, as epidemias de bexiga haviam vitimado muitas pessoas, não apenas indígenas, mas, sem dúvidas, estes mostravam-se mais vulneráveis. O relatório do presidente da província apontava surtos em Cruz Alta e São Borja, além dos aldeamentos de Santa Isabel e Nonoai<sup>31</sup>. Também uma filha de Doble, “a linda Isabella”, teria sofrido dos males desta doença e “ficava muito acanhada e triste, todas as vezes que notava ser ela objeto de observação, e só quando ela ouvia dizer que se contara ao estrangeiro também a respeito da sua anterior beleza, deslizia um sorriso saudosos sobre seus traços desfigurados” (Hensel, 1957, p. 73-74).

Conforme Hensel (1957, p. 68-69), durante a visita que Doble tinha realizado a Porto Alegre “eles foram infeccionados pelo veneno da varíola. Entretanto, a epidemia só se manifestou quando haviam regressado à sua colônia e assim causou grande devastação entre eles”. Laroque (2000, p.141; 2008, p. 108) afirma que a recompensa recebida pela captura dos 30 indígenas selvagens que Doble entregara às autoridades na capital em 1864 teria sido “roupas sujas dos soldados que tinham morrido de varíola”. Esta informação não se encontra confirmada nas fontes pesquisadas até o momento. Entretanto, ela contém em si a pressuposição de que Doble teria sido descoberto em suas artimanhas de atuação dupla e que, talvez, o governo tenha encontrado uma forma de puni-lo pelo engano sustentado por tanto tempo. O certo é que o cacique Doble morreu como tantos outros indígenas, vítima da varíola:

Assim foi o cacique Yu-toahê (Doble) sepultado no aldeamento onde permanecia, com o seu arco e flechas ao lado, um seu pote de ferro que ali acharam e um chifre de boi – para beber água – como diziam os outros coroados. O cacique Yu-toahê (Doble) não foi o primeiro daqueles indígenas coroados que, depois de aldeados, morreu e foi sepultado com arco e flecha a seu lado, panela e chifre de boi (Mabilde, 1983, p.116).

29 Também publicou Die Coroados der Brasilischen Provinz Rio Grande do Sul In Zeitschrift für Ethnologie, Berlin, 1869. O texto original publicado na Revista do Museu e do Arquivo Público do Rio Grande do Sul chamava-se Die Schädel der Coroados (Becker, 1995, p. 328).

30 Correspondência 29/03/1864 – Correspondência do Pe. Antônio de Moraes Branco ao Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. AHRs. Diretoria do Aldeamento na Colônia Militar de Caseros, Maço 2.

31 Relatório de 1865 – Relatório com que o Bacharel João Marcelino de Souza Gonzaga entregou a administração da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul ao Sr. Visconde da Boa-Vista. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1965, p.5.

Três imagens de Colares do Acervo do Museu Júlio de Castilhos (Porto Alegre), Coleção Etnográfica.

São colares kaingang adquiridos por doação ou compra no final do século XIX e início do XX.

Eles mesclam materiais de uso “tradicional” e objetos dos “brancos”, tema abordado no artigo e em outros textos que produzi.

MJC CE Colar — 1

[https://acervos.museujulio.rs.gov.br/colecao-etnologica/colar-29/?order=DESC&orderby=meta\\_value&metakey=42&perpage=12&pos=12&source\\_list=collection&ref=%2Fcolecao-etnologica%2F](https://acervos.museujulio.rs.gov.br/colecao-etnologica/colar-29/?order=DESC&orderby=meta_value&metakey=42&perpage=12&pos=12&source_list=collection&ref=%2Fcolecao-etnologica%2F)

MJC CE Colar — 2

[https://acervos.museujulio.rs.gov.br/colecao-etnologica/colar-28/?order=DESC&orderby=meta\\_value&metakey=42&perpage=12&pos=21&source\\_list=collection&ref=%2Fcolecao-etnologica%2F](https://acervos.museujulio.rs.gov.br/colecao-etnologica/colar-28/?order=DESC&orderby=meta_value&metakey=42&perpage=12&pos=21&source_list=collection&ref=%2Fcolecao-etnologica%2F)

MJC CE Colar — 3

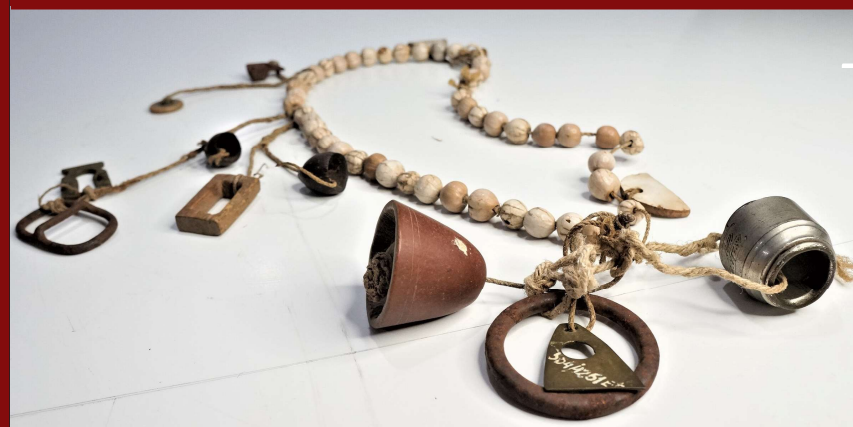
[https://acervos.museujulio.rs.gov.br/colecao-etnologica/colar-27/?order=DESC&orderby=meta\\_value&metakey=42&perpage=12&pos=27&source\\_list=collection&ref=%2Fcolecao-etnologica%2F](https://acervos.museujulio.rs.gov.br/colecao-etnologica/colar-27/?order=DESC&orderby=meta_value&metakey=42&perpage=12&pos=27&source_list=collection&ref=%2Fcolecao-etnologica%2F)



1



2



3

# considerações finais

A transmutação do cacique subordinado Yu-toahé em Brigadeiro Doble era fruto da atuação desta liderança entre os Kaingang e os mais distintos membros da sociedade do sul do Brasil. Doble não foi o único chefe indígena a adquirir patentes militares naquele período, pois muitos outros se tornaram capitães, majores ou coronéis, refletindo a característica hierarquização militar da sociedade sul-riograndense (Francisco, 2006, p. 158). Tanto o governo provincial quanto os indígenas eram cientes da importância de que estas nomeações obtinham em momentos cruciais de negociação sobre terras, participações militares ou a ida para aldeamentos.

A atuação de Doble, ora como um aliado do Estado, quando dava conta de capturar indígenas que haviam praticado correrias ou quando conduzia grupos selvagens aos aldeamentos, ora como um líder arreado, à revelia das autoridades, que comandava e praticava,

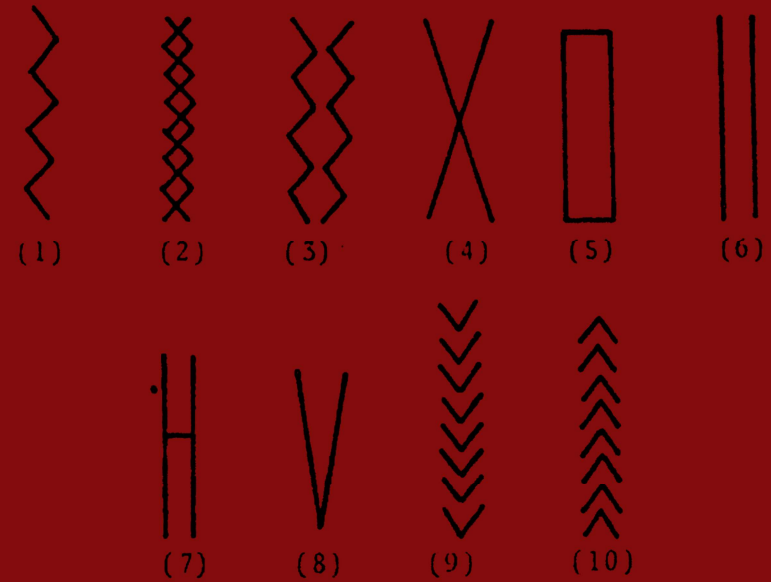
ele mesmo, os assaltos, pode ser compreendida como uma busca da manutenção da autonomia sobre territórios e modos de ser e viver. Embora algumas lideranças estivessem dispostas a concessões e transformações, coerentes com suas leituras dos novos contextos políticos, econômicos e culturais experimentados no século XIX, havia a consciência da necessidade de manter certo “controle cultural” para angariar autonomia, afinal, era sob a categoria social “índio” que se apoiava os direitos coletivos.

A trajetória do cacique Doble possibilita compreender as estratégias de mudança surtidas nos modos de organização indígena a partir dos contatos efetuados no século XIX. Primeiro, destacamos que as sociedades indígenas não eram blocos homogêneos engessados por categorias étnicas, dadas as diferenças internas desses povos. A manipulação dessas diferenças por autoridades e outros atores sociais foi uma prática que remonta ao início da colonização e que permanecia importante no Império. Em segundo lugar, havia grande articulação entre os grupos que permaneciam nas florestas e os que passaram a habitar os aldeamentos, mostrando a fluidez destes espaços. Os indígenas souberam utilizar as perspectivas do Estado sobre os comportamentos de civilizados e selvagens para empreender ações de resistência.

Lideranças indígenas de todo o Império buscaram estabelecer contato direto com as autoridades, indo à corte ou às capitais provinciais, como vimos na experiência de Doble, colocando em segundo plano a hierarquia prevista pelo regulamento de 1845, que os submetia aos diretores de aldeamentos e juizes de órfãos. Por essa estratégia não circunscreviam sua esfera de negociação aos aldeamentos e seus diretores e párocos (Dornelles, 2021, 2017; Freire; Silva, 2017).

A documentação analisada aponta que Doble mesclou demandas particulares e coletivas em suas negociações. Se o cacique Doble pode ser considerado um “colaboracionista” por tratar diretamente com as autoridades provinciais e, ter com elas, feito acordos e ter ganhado reconhecimento, faltou mencionar que o Brigadeiro também angariou benefícios para os indígenas que liderava e deles também recebeu os louros, tendo seus descendentes se beneficiado de suas ações.

Marcas encontradas em flechas e pinheiros indicando a qual chefe pertenciam os mesmos. (Mabilde, [1897-99] 1983: 146).



# referências bibliográficas

- BECKER, Ítala Irene Basile. O índio kaingang no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: UNISINOS, 1995.
- BORBA, Telêmaco. Observações sobre os indígenas do estado do Paraná. Revista do Museu Paulista, São Paulo, Typographia do Diário Oficial, volume VI, 1904.
- BORBA, Telêmaco. Actualidade Indígena. Curitiba: Typ. e Lytog. a vapor Impressora Paranaense, 1908.
- BRAGA, Danilo. A História dos Kaingang na luta pela terra no Rio Grande do Sul: Do silêncio, à reação, a reconquista e a volta para casa (1940-2002). Porto Alegre: PPGHIST, 2015.
- CUNHA, Lauro Pereira da. Índios Xokleng e colonos no Litoral Norte do Rio Grande do Sul (séc.XIX). Porto Alegre: Evangraf, 2012.
- CUNHA, Manuela Carneiro da (Org). História dos Índios no Brasil. São Paulo: Editora Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Mabilde e seus “apontamentos” sobre os coroados selvagens: Tentando separar informação de mistificação e preconceitos. 25ª Reunião Brasileira De Antropologia, 2006. Disponível em: [www.ifch.unicamp.br/ihb/texto/GT48Wilmar.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/ihb/texto/GT48Wilmar.pdf). Acesso em: 26 ago. 2008.
- DICCIONÁRIO de la lengua española. Real Academia Española. Disponível em: <https://dle.rae.es/doble?m=form> Acesso em 21/02/2024.
- DORNELLES, Soraia Sales. Lia-se nos jornais sob o título correria de índios. In: LOZADA, Ana de Melo (Org.). Entendendo os indígenas no império do Brasil. Rio de Janeiro: Jaguatirica: FAPERJ, 2023, p. 245-268.
- DORNELLES, Soraia Sales. Os Kaingang e a colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul (séculos XIX e XX). Curitiba: CRV, 2021.
- DORNELLES, Soraia Sales. O capitão terena José Pedro de Souza e sua reivindicação perante o Estado brasileiro. A participação voluntária indígena na Guerra do Paraguai. Acervo, Rio de Janeiro, v.34, n.2, p.1-18, maio/ago. 2021.
- DORNELLES, Soraia Sales. A questão indígena e o Império: índios, terra, trabalho e violência na província paulista, 1845-1891. 2017. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
- FRANCISCO, Aline Ramos. Selvagens e intrusos em seu próprio território: a expropriação do território Jê no sul do Brasil (1808-1875). 2006. 127f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2006.
- GIRON, Loraine; BERGAMASCHI, Heloisa. Terra e homens: colônias e colonos no Brasil. Caxias do Sul: Educus, 2004.
- HENSEL, Reinaldo. Os Coroados da Província brasileira do Rio Grande do Sul. Revista do Museu e Arquivo Público do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 20, p.65-80, junho de 1928.
- LAROQUE, Luís Fernando da Silva. Lideranças kaingang no Brasil meridional (1808-1889). Pesquisas, v. 56, p. 27-29, 2000.
- LAROQUE, Luís Fernando da Silva. Kaingang e Missões Religiosas: situações de alianças e guerra. Revista Tellus, Mato Grosso do Sul, n. 16, p. 50-62, 2009.
- LAROQUE, Luís Fernando da Silva. Os Kaingangues: momentos de historicidades indígenas. In: KERN, Arno et al. (Org). Povos Indígenas. Passo Fundo: Méritos, 2009, p. 81-120.
- MABILDE, Coronel Affonso P. T. Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação “Coroados” que habitam os sertões do Rio Grande do sul. Annuário do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1897.
- MABILDE, Coronel Affonso P. T. Registro de Correspondência do Coronel Affonso Mabilde, engenheiro da colônias, em São Leopoldo, de 10 de julho de 1845 a 27 de julho de 1857. Rio Grande do Sul: Biblioteca PUCRS, Acervo Júlio Petersen. [Datilografado]
- MELO, Patrícia de. Política Indigenista no Brasil Imperial. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs.). O Brasil Imperial (1808-1889). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v.1, 2009, p. 175-206.
- SOUZA, Almir Antonio de; LINO, Jaisson Teixeira; ARAÚJO, Fábio. A Fronteira Sul e as andanças do Cacique Doble entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina (1852-1854). Memória Americana. Cuadernos de Etnohistoria, v. 29, n. 2, p.129-147, 2021.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragno. Entre os nossos índios: Chanés, Terenas, Kinikinaus, Guanás, Laianas, Guatós, Guaycurús, Caingangs. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1931.
- VEIGA, Juracilda. A guerra como elemento constitutivo da socialidade dos Jê meridionais. In: Línguas e culturas Macro-Jê. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007, p. 109-125.